

TRABALHANDO PRÁTICAS PARENTAIS NA PSICOTERAPIA DE GRUPO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thaís Cristina Gutstein Nazar¹
Michele Quaglioto Tartari²
Tereza José Luiz Zamberlan³
Sidinei Santos Oliveira⁴

NAZAR, T. C. G.; TARTARI, M. Q.; ZAMBERLAN, T. J. L.; OLIVEIRA, S. S. Trabalhando práticas parentais na psicoterapia de grupo: um relato de experiência. **EDUCERE** – Revista de Educação, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 36-48. 2022.

RESUMO: Este trabalho constitui-se em um relato de experiência referente à condução de um grupo psicoterápico, que foi baseado no Programa de Qualidade na Interação Familiar – PQIF - (WEBER, 2014), realizado em um serviço-escola, atendendo a uma demanda encaminhada pela Defensoria Pública de um município do interior do Paraná. A intervenção aconteceu sob a forma de atendimento grupal em oito encontros, com frequência semanal e duração de uma 1h30min cada. O programa foi seguido de acordo com descrito no manual para aplicadores (WEBER, 2014). O público-alvo do programa foram cuidadores (pais e ou avós) que, por algum motivo, tiveram as crianças acolhidas pela justiça. O grupo psicoterápico objetivou a melhoria na qualidade das relações familiares e práticas parentais, por meio de vivências e da psicoeducação, instrumentalizando os participantes na promoção de um ambiente de acolhimento e de afeto para receber as crianças no retorno ao convívio familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas parentais; Grupo psicoterápico; Família.

MANAGING PARENTAL PRACTICES IN GROUP PSYCHOTHERAPY: A REPORT OF EXPERIENCE

ABSTRACT: This paper refers to an professional experience of the Psychology course of the Based on Family Interaction Quality Program - PQIF (WEBER, 2014), conducted at the Center for Applied Psychology, in response to a demand submitted by the Public Defender of a municipality in the interior of Paraná, and was composed of eight meetings, weekly frequency and one hour and thirty minutes duration, followed the program according to the manual for facilitators. (WEBER, 2014) The target audience for the program were caregivers (parents and grandparents) who for some reason had children taken to justice. The psychotherapeutic group aimed at improving the quality of family relationships and parental practices, through experiences and psychoeducation, instrumentalising the participants in the promotion of a welcoming and affectionate environment to receive the children in return to the family life.

KEYWORDS: Parental practices; Psychotherapeutic group; Family.

DOI: [10.25110/educere.v22i1.20227348](https://doi.org/10.25110/educere.v22i1.20227348)

¹ Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) Rua XV de Novembro, 1299, Centro, Curitiba - PR, CEP: 80060-000. E-mail: thaiscg@prof.unipar.br

² Acadêmica do curso de Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR). Praça Mascarenhas de Morães, 4282, Centro, Umuarama - PR, CEP: 87502-210. E-mail: michelepsicologia@outlook.com

³ Acadêmica do curso de Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR). Praça Mascarenhas de Morães, 4282, Centro, Umuarama - PR, CEP: 87502-210. E-mail: tereza.zamberlan@edu.unipar.br

⁴ Acadêmico do curso de Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR). Praça Mascarenhas de Morães, 4282, Centro, Umuarama - PR, CEP: 87502-210. E-mail: sidineioliveira@gmail.com

PRÁTICAS PARENTALES DE TRABAJO EN PSICOTERAPIA DE GRUPO: RELATO DE UNA EXPERIENCIA

RESUMEN: El presente trabajo se refiere a un relato de experiencia en la conducción de un grupo psicoterápico basado en el "Programa de Calidad en la Interacción Familiar - PQIF (WEBER, 2014), realizado en el Serviço escola, atendiendo a una demanda encaminada por la Defensoría Pública de un municipio del interior del Paraná, y fue compuesto por ocho encuentros con frecuencia semanal y una hora y treinta minutos de duración, se siguió el programa de acuerdo con el manual para facilitadores. (WEBER, 2014) El público objetivo del programa era cuidadores (padres y abuelos) que por algún motivo tuvieron los niños acogidos por la justicia. El grupo psicoterápico objetivó la mejora en la calidad de las relaciones familiares y prácticas parentales, por medio de vivencias y psicoeducación, instrumentalizando a los participantes en la promoción de un ambiente de acogida y afecto para recibir a los niños en el retorno a la convivencia familia. **PALABRAS CLAVE:** Prácticas parentales; Grupo psicoterápico; Familia.

INTRODUÇÃO

Educar uma criança é um processo desafiador, por isso, os pais e os cuidadores precisam estar atentos a uma série de fatores importantes relacionados ao desenvolvimento humano, tais como alimentação, abrigo e educação. Além desses, outros fatores fundamentais são os sociais, os cognitivos e os psicológicos (MACARINI *et al.*, 2010).

Apesar das mudanças contemporâneas no conceito de família e em seus modelos e configurações, essa instituição ainda ocupa um lugar de destaque na intermediação entre o indivíduo e a sociedade (MACARINI *et al.*, 2010; LINS *et al.*, 2015). Gomide (2014) argumenta que “[...] a família ainda é o lugar privilegiado para a promoção da educação infantil.” (GOMIDE, 2014, p. 9).

Nesse sentido, é pertinente o seguinte questionamento: Como amar, educar, ensinar e estimular tudo ao mesmo tempo? Encontrar o equilíbrio entre o amor e a disciplina e entre a exigência e a responsividade é imprescindível para que se possa cumprir a tarefa de ser pai ou mãe (WEBER, 2005), já que, como afirma Sidman (2001), “[...] as pessoas tornam-se pais sem que ninguém as tenha ensinado como dar conta desta responsabilidade.” (SIDMAN, 2001, p. 250).

Pais e cuidadores “[...] fazem uso de várias estratégias e técnicas para orientar o comportamento dos seus filhos, denominadas de práticas parentais.” (LINS *et al.*, 2015, p. 46). Muitas vezes, esses modelos seguem padrões intergeracionais, ou seja, os pais educam baseados no modelo de educação que receberam de seus genitores (WEBER, 2018).

Os comportamentos humanos, na ótica de Skinner (1976), ocorrem em função da interação com o ambiente. Os pais cumprem um papel importante nesse contexto, já que, ao mudarem seu próprio comportamento com relação aos filhos, proporcionam um novo ambiente que apresentará novos comportamentos. Dito de outro modo, quando os pais são capazes de compreender as relações de contingências envolvidas na interação familiar e nas práticas de educação, isso se refletirá no comportamento dos filhos (WEBER; BRANDERBUR; SALVADOR, 2006).

Levando-se em conta o panorama apresentado, evidencia-se a importância de se pensar programas que trabalhem os aspectos presentes nas práticas parentais a fim de torná-las mais assertivas e adequadas. Essas ações são fundamentais, haja vista que “[...] incluir os pais num processo de reflexão e aprendizagem, pode ajudá-los a desenvolver um repertório adequado de interação com seus filhos, e assim contribuir para prevenir ou amenizar dificuldades de suas crianças.” (WEBER, 2014, p. 7).

Por meio de programas de interação entre pais/cuidadores e filhos, é possível oferecer condições de mudança de comportamentos, crenças e atitudes que favorecem práticas parentais assertivas em detrimento das interações coercitivas, com vistas a proporcionar relacionamentos saudáveis que correspondam a padrões de interação positivos (WEBER, 2018).

Um desses programas é o *Programa de Qualidade e Interação Familiar* – PQIF, doravante – (WEBER, 2018), que se apresenta como uma proposta de intervenção junto a grupos de pais. O seu objetivo é prevenir problemas de relacionamento, psicológicos, emocionais e comportamentais. Esse programa serviu como subsídio para as práticas deste relato de experiência, que consistiu em uma intervenção realizada na prática de estágio orientado, por meio de grupo psicoterápico com pais encaminhados pela Defensoria Pública cujas crianças foram retiradas de seu convívio e encontram-se abrigadas em uma Casa Lar municipal.

O escopo da intervenção foi oferecer aos pais e cuidadores o aprendizado sobre práticas parentais positivas que podem favorecer o processo de educação/criação das crianças e melhorar a qualidade da interação familiar, quando os menores retornarem a seus lares de origem. Desse modo, neste relato, são apresentadas as experiências vivenciadas durante a realização do grupo psicoterapêutico. Para apresentar os resultados, este texto foi assim organizado: esta introdução, que contextualiza o tema e o foco do estudo; a metodologia, que explicita o *locus* de pesquisa, os participantes e os

instrumentos utilizados; a discussão dos dados, que consiste em uma análise das ações realizadas; as considerações finais e as referências bibliográficas.

METODOLOGIA

Local

A intervenção em grupo foi desenvolvida como parte das atividades realizadas no Estágio Supervisionado Curricular Obrigatório Específico – ESCOE I – na área da Psicologia. Os acadêmicos atuaram como coordenadores/aplicadores, sendo orientados pela supervisora de estágio e docente do curso.

Os encontros aconteceram em um serviço-escola de uma universidade privada localizada no Sudoeste do Paraná, na sala destinada ao atendimento de grupos. Esse local é climatizado, tem um espaço amplo, bem iluminado e mobiliado com cadeiras escolares do tipo universitária.

Participantes

Participaram dos encontros 13 cuidadores (sendo 10 pais e 3 avós) que foram encaminhados pela Defensoria Pública municipal. Esses sujeitos perderam provisoriamente a guarda dos filhos e netos em decorrência da violação de algum direito das crianças ou dos adolescentes. As crianças e os adolescentes foram direcionados para o acolhimento institucional na Casa Lar municipal e podem receber visitas dos pais/avós/cuidadores enquanto aguardam a decisão das autoridades competente para a determinação do desabrigoamento. Os participantes foram convidados a participar do grupo terapêutico. Os critérios de inclusão foram: desejar participar de maneira voluntária e ter algum vínculo com crianças que se encontram em situações de acolhimento institucional provisório e que tenham sido vítimas de algum tipo de violência.

Instrumentos

Para a condução do grupo psicoterapêutico, foi utilizado o Manual para Aplicadores do PQIF (WEBER, 2014). Foram realizados oito encontros que contemplaram vivências, leituras de textos, metáforas e explicações teóricas sobre os temas trabalhados, discussões, esclarecimento de dúvidas e compartilhamento de experiências, incluindo ainda tarefas de casa e autorregistros. No Quadro 1, cada encontro foi descrito, indicando-se o tema, os objetivos e as atividades realizadas.

Outro instrumento foi a *Escala de Qualidade na Interação Familiar – EQIF*, doravante – (WEBER; BRANDENBURG; SALVADOR, 2009), que é composta por 40 questões com respostas tipo escala *likert*, as quais avaliam nove itens da interação familiar: seis abordam aspectos positivos (envolvimento, regras de monitoria, comunicação positiva dos filhos, clima conjugal positivo, modelo parental e sentimento dos filhos) e três aspectos negativos (comunicação negativa, punição corporal e clima conjugal).

Quadro 1: Descrição dos temas, objetivos e atividades realizadas no Programa de Qualidade na interação familiar (PQIF)

Encontro 1		
Tema	Objetivos	Atividades
Princípios da aprendizagem	Trabalhar com as noções de princípios da aprendizagem e com a operacionalização dos comportamentos.	<ul style="list-style-type: none"> - Preenchimento da ficha de inscrição; - Apresentação dos coordenadores; - Definição do contrato; - Dinâmica da teia para apresentação dos participantes; - Discussão sobre expectativa dos pais; - Explicação teórica sobre o processo e o princípio de aprendizagem; - Atividade ilustrativa da explicação teórica: “<i>qua qua- palmas-bum</i>”; - Para finalizar o encontro, explicação da tarefa de casa.
Encontro 2		
Tema	Objetivos	Atividades
Regras e limites	Mostrar aos pais a necessidade de regras claras, consistentes e coerentes, bem como a necessidade de monitoria do comportamento da criança para propiciar um desenvolvimento infantil saudável.	<ul style="list-style-type: none"> - Atividade: “<i>Quem vai para a lua</i>”; - Explicação teórica sobre as regras e limites; - Atividade: “<i>A instrução de uma tarefa</i>”; - Discussão sobre a tarefa de casa; - Treino de habilidades; - Explicação da tarefa de casa.
Encontro 3		
Tema	Objetivos	Atividades
Consequências para comportamentos adequados	Fazer os pais perceberem que, normalmente, eles prestam mais atenção nos erros e nos defeitos de seus filhos do que nos acertos e nas qualidades. Ensinar os participantes a observarem e valorizarem os comportamentos adequados dos filhos. Refletir que disciplinar	<ul style="list-style-type: none"> - Discussão sobre o autorregistro; - Atividade: “<i>Foco no erro</i>”; - Leitura do texto: “<i>o cachorro e o açougueiro</i>”; - Explicação teórica sobre consequências para comportamentos adequados (Reforço); - Discussão sobre a tarefa de casa; - Atividade: Treino de habilidades; - Explicação da tarefa de casa.

	não significa somente focar nos erros e punir, mas incentivar e motivar para o comportamento adequado.	
Encontro 4		
Tema	Objetivo	Atividades
Consequências para comportamentos inadequados	Informar e alertar sobre problemas que podem surgir com o uso de punições exageradas e inadequadas, bem como apresentar formas alternativas e efetivas para os comportamentos inadequados.	<ul style="list-style-type: none"> - Discussão sobre autorregistro; - <i>“Teatro pais e filhos”</i>; - Explicação teórica sobre as consequências para comportamentos inadequados (punições); - Discussão sobre a tarefa de casa; - Treino de habilidades; - Leitura do texto: <i>“Pense bem”</i>; - Explicação da tarefa de casa.
Encontro 5		
Tema	Objetivos	Atividades
Relacionamento afetivo e envolvimento	Sensibilizar os pais para a empatia com os filhos, mostrando a importância de se demonstrar o afeto, de participar e de se envolver efetivamente na vida dos filhos. Refletir sobre a qualidade da relação com os filhos.	<ul style="list-style-type: none"> - <i>“Você conhece bem o seu filho”</i>; - Explicação teórica sobre o relacionamento afetivo e envolvimento; - Leitura da historinha: <i>“Paternidade responsável”</i>; - Treino de habilidades; - Explicação do autorregistro.
Encontro 6		
Tema	Objetivos	Atividades
Voltando no tempo	Provocar uma reflexão sobre a educação que os participantes receberam em sua infância, analisando as diferenças de contexto da época em que eram crianças e a atual, além de discutir sobre a transmissão intergeracional das práticas parentais.	<ul style="list-style-type: none"> - Discussão sobre o autorregistro; - <i>“Relaxamento”</i>; - <i>“Voltando no tempo”</i>; - Explicação sobre análise intergeracional; - Leitura do texto: <i>“perdão”</i>; - Explicação da tarefa de casa.
Encontro 7		
Tema	Objetivos	Atividades
Autoconhecimento e modelo	<p>Propiciar a auto-observação como pessoa antes de serem pais, dando ênfase às qualidades de cada um.</p> <p>Levar os participantes a se perceberem como modelos de comportamento para os filhos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Discussão sobre o tema do encontro anterior, <i>“Voltando no tempo”</i>; - Relaxamento; - <i>“Autorretrato em sucata”</i>; - Explicação teórica sobre autoconhecimento; - Discussão sobre a tarefa de casa; - Explicação teórica sobre modelo; - Leitura do texto: <i>“A casa dos mil espelhos”</i>; - Explicação da tarefa de casa.

Encontro 8		
Tema	Objetivos	Atividades
Revisão e encerramento	Revisão de todos os conteúdos trabalhados no programa e <i>feedback</i> dos participantes sobre o aproveitamento dos temas e do grupo em geral.	<ul style="list-style-type: none"> - Discussão sobre o autorregistro; - “<i>Labirintos da vida</i>”; - Leitura do texto: “Homenagem a todas as mães e pais”; - <i>Feedback</i>; - Entrega certificados; - Confraternização; - Encerramento.

Fonte: Elaborado com base em Weber (2014).

DISCUSSÃO

Diante da relevância do tema proposto, destaca-se que os conteúdos contemplados no grupo terapêutico consideraram elementos relacionados ao desenvolvimento de crianças e adolescentes e às práticas parentais, de modo que tais sujeitos tenham seus direitos garantidos. As ações descritas no Quadro 1 não se restringem apenas a instrumentalizar os responsáveis pelas crianças e adolescentes, mas também contribuem profissional e cientificamente para a prática dos psicólogos.

O grupo terapêutico foi realizado durante as atividades de estágio supervisionado, que se constituem em momentos importantes para o acadêmico, pois, por meio delas, é possível aproximar teoria e prática e vivenciar o exercício profissional, com a segurança do suporte dado pelos professores supervisores (PIMENTA; LIMA, 2006; SILVA; GASPAR, 2018).

A aplicação do PQIF (WEBER, 2014) como proposta de intervenção na situação apresentada exigiu dos estagiários mais do que experiência e domínio da teoria. Foi necessário investir no acolhimento dos participantes, envolver-se na preparação e na realização dos encontros e, sobretudo, demonstrar empatia e sensibilidade para que os participantes entendessem aquele espaço como seu e se sentissem respeitados em suas diferenças pessoais e culturais.

O trabalho em grupo é extremamente produtivo, pois nele as pessoas trocam experiências, compartilham vivências e buscam a identificação com os demais membros, tornando-se um ambiente de proteção, de confiança e um espaço em que podem expressar seus pensamentos, angústias e aprendizados. Sendo um ambiente “controlado” e com objetivos definidos, o coordenador pode reforçar as respostas adequadas, aumentando as chances desses comportamentos serem repetidos em outros contextos (DELITTI; DERDYK, 2008).

Alvarenga, Weber e Bolsoni-Silva (2016) realizaram um estudo que sintetizou os achados das diferentes pesquisas sobre as relações entre cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional infantil. De acordo com os pesquisadores, a noção de “[...] sensibilidade dos pais às contingências vigentes na interação pais-filhos, parece destacar-se como um aspecto crucial.” (ALVARENGA; WEBER; BOLSONI-SILVA, 2016, p. 5). Nesse sentido, os autores recomendam que as intervenções que visam a favorecer o desenvolvimento socioemocional infantil incluam estratégias que aumentem o controle antecedente e consequente exercido pelo comportamento dos filhos, bem como que ampliem o conjunto de habilidades parentais necessário para esses contextos. É fundamental que futuras investigações esclareçam as intervenções que focalizam esse aspecto específico da interação pais-filhos, haja vista que podem contribuir para trajetórias e desfechos desenvolvimentais positivos na infância e na adolescência.

Já para Alberto *et al.* (2008), a psicoterapia não pode ser o modo por excelência da atuação profissional, nem na atenção individual, nem no modelo do profissional liberal. Para os autores, o psicólogo deve ocupar um espaço político e público, de modo a compreender os processos de subjetivação produzidos na sociedade brasileira e o diálogo com as referências teóricas conectadas às distintas realidades essa realidade (CFP, 2003). Isso significa que o psicólogo que trabalha em entidades que atendem a crianças e adolescentes em situação de risco deve entender e atuar sob a perspectiva de que esses sujeitos necessitam das políticas sociais básicas a fim de se garantir a proteção integral, que é fundamental para o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, as intervenções psicológicas no contexto das políticas públicas em situações de abrigo constituem-se como um espaço necessário para a atuação da Psicologia. O acolhimento de crianças em situação de violação de direitos está previsto no art. 98 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, doravante): “As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados, por ação ou omissão da sociedade ou do Estado, por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável, em razão de sua conduta.” (BRASIL, 1990).

Durante o desenvolvimento do programa, foi possível observar que a vulnerabilidade social aparece como fator determinante no acolhimento das crianças, o que está em harmonia com a afirmação de Serrano (2011), para quem, na maioria das vezes, as crianças e os adolescentes são acolhidos por motivos relacionados à negligência, às condições socioeconômicas desfavoráveis e ao abandono. Além disso, podem ser

apontadas as práticas parentais inadequadas adquiridas pela própria experiência na condição de pais ou pelos modelos recebidos pelos próprios genitores (WEBER, 2018).

Sabe-se que, com a promulgação do ECA, muitas práticas utilizadas na educação atualmente não são permitidas, como as punições que os professores aplicavam aos alunos. Weber (2014) explica que “[...] disciplinar não é sinônimo de punir.” (WEBER, 2014, p. 15); assim, estabelecer exigência e responsividade parece ser o caminho mais adequado na educação de crianças e adolescentes. Apesar disso, não existem receitas prontas, uma vez que nem os filhos, nem os pais são iguais ou têm a mesma visão sobre disciplina.

Segundo os princípios da Análise do Comportamento, é possível aprender por observação/modelo, por regras/instrução e por experiência/treino. Já a mudança de comportamento pode ser realizada por meio do treinamento dos pais. Desse modo, se os pais forem treinados, conseqüentemente, haverá um reflexo no comportamento dos filhos (WEBER, 2018).

Com relação ao grupo terapêutico foco deste estudo, inscreveram-se 16 pessoas, mas, no primeiro encontro, compareceram apenas 13 pessoas, os quais responderam ao EQIF, utilizado a fim de conhecer a qualidade da interação familiar dos participantes. Em geral, o EQIF também é respondido pelas crianças, contudo, não foi possível proceder dessa forma neste estudo. No último encontro, esse instrumento foi aplicado novamente, porém, somente cinco participantes estavam presentes e apenas quatro responderam a escala no início e no final do grupo. Ao comparar os resultados das escalas, percebeu-se maior acuidade de percepção das práticas positivas e negativas, ou seja, os participantes foram capazes de se autoanalisarem de forma mais adequada com base em suas realidades, conforme indica o Quadro 2.

Quadro 2: Relação participantes, resultado do EQIF no primeiro (pré-teste) e no último encontros (pós-teste)

Participantes	Resultado EQIF (pré-teste)	Resultado EQIF (pós-teste)
A. B.	Aspectos positivos: 124 Aspectos negativos: 13	Aspectos positivos: 125 Aspectos negativos: 13
E. L. M	Aspectos positivos: 106 Aspectos negativos: 14	Aspectos positivos: 100 Aspectos negativos: 09
V. A. S.	Aspectos positivos: 127 Aspectos negativos: 14	Aspectos positivos: 110 Aspectos negativos: 19
S. S	Aspectos positivos: 119 Aspectos negativos: 22	Aspectos positivos: 100 Aspectos negativos: 12

Fonte: Os autores.

Embora os resultados comparativos apresentados no Quadro 2 pareçam mínimos, é válido lembrar que conforme o ECA (Brasil, 2014) prevê em seu art. 98, o acolhimento institucional ocorre como medida de proteção aplicável sempre que crianças e adolescentes tiverem seus direitos ameaçados ou violados, seja por ação ou omissão da sociedade ou Estado, ou, ainda, por falta, ameaça, abuso dos pais/responsáveis ou devido à sua conduta, ou seja, estavam em contexto de vulnerabilidade. Os pais analisados nesta pesquisa estavam com os filhos sob a guarda do Estado, e a aplicação do PQIF demonstrou a importância da intervenção com esses sujeitos, já que precisam de muito auxílio para o desenvolvimento de práticas parentais adequadas, opostas a realidade em que perderam a guarda dos seus filhos mesmo que provisoriamente.

De acordo com Nazar et al (2020), mesmo que tenha havido uma melhora nos resultados pós-teste ou pós-intervenção, trata-se de resultado interessante, posto que esses familiares estavam sem suas crianças, as quais estavam abrigadas. Uma hipótese para esse resultado é a questão dos participantes terem conhecimento sobre práticas socialmente aceitáveis, porém, no dia a dia não as utilizam. Outra possibilidade é referente ao instrumento de autorrelato que limita a observação da mudança de comportamentos, haja vista que se parte da análise de que os resultados analisados quantitativamente, deixando-se de identificar os processos envolvidos e como ocorrem de fatos tais mudanças. Ainda, a questão de ter filhos acolhidos e após algum tempo estar inserindo-se no grupo pode oportunizar a aprendizagem de comportamentos mais funcionais aos pais. Além disso, De acordo com Vila (2019), sabe-se que medidas de autorrelato estão sujeitas a vieses por diversos fatores, por se tratarem de medidas de topografia de comportamento, que nem sempre correspondem aos comportamentos das mães no ambiente natural. Ressalta-se que, em programas de intervenção de cunho analítico-comportamental, medidas de

observação direta podem ser úteis para uma avaliação multimodal das variáveis envolvidas (inclusão de diferentes modalidades para avaliar comportamentos) em diferentes fases pesquisa.

A principal limitação encontrada no estudo foi a redução do número de participantes. A desistência foi motivada por muitos fatores, tais como: a necessidade de ir semanalmente ao local dos encontros, o custo financeiro com o transporte, os horários oferecidos e a expectativa que algumas pessoas apresentavam de que pudessem receber algum privilégio, como agilizar o processo de devolução da guarda dos filhos. Em função disso, como recorte do trabalho, optou-se por considerar apenas os dados dos que responderam ao pré e ao pós-teste do EQIF.

Nesse sentido, o grupo psicoterapêutico baseado no PQIF confirmou-se como uma possível estratégia de intervenção para ser trabalhada com o público em questão. Ademais, os resultados percebidos durante a realização dos encontros, tais como o desenvolvimento de autoconhecimento, favorecem a aquisição de autonomia e a capacidade de realizar mudanças, de modo que os comportamentos sejam repletos de reforçadores positivos e que se reduzam as estimulações aversivas. Esses momentos são tão importantes para a discriminação de contingências relacionadas ao ambiente familiar e à melhora na qualidade de interação que Farias, Fonseca e Nery (2018) asseveram que há casos em que os pais recuperaram a guarda dos menores durante a realização das atividades de grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização de oito encontros do grupo terapêutico anteriormente relatado, pôde-se verificar que, inicialmente, havia uma expectativa de que, de alguma forma, os coordenadores do grupo pudessem auxiliar no processo de reaver a guarda das crianças. Aos poucos, contudo, ficou claro que os encontros estavam direcionados à melhoria na qualidade das relações familiares e práticas parentais, aspectos até então ignorados, uma vez que o padrão de muitos pais/avós/cuidadores é reproduzir com os filhos/netos as práticas que os pais e avós tiveram com eles.

Nos demais encontros, foi possível observar que os participantes passaram a interagir mais, cada um a seu modo, o que contribuiu para o enriquecimento e o fortalecimento do vínculo com os estagiários coordenadores e com os demais participantes. Houve momentos em que a emoção tomou conta da razão e situações

pontuais de vivências foram expostas, enriquecendo os encontros (DELITTI; DERDYK, 2008). A relação entre os participantes e a interação com os coordenadores/aplicadores foi importante para lidar com a diversidade e as particularidades do grupo.

Com relação à formação de um modo geral, perceber o avanço e a apropriação das técnicas e de alguns termos característicos da Análise do Comportamento por parte dos integrantes foi extraordinário. Nos relatos, foi possível visualizar que os participantes puderam materializar, nas situações vivenciadas em casa, o que aprenderam nos encontros, indicando que são capazes de utilizar na prática as mudanças de comportamentos necessárias nos diversos contextos. É importante lembrar que alguns cuidadores não tiveram a possibilidade de aplicar os conhecimentos adquiridos no programa, pois não estavam com a guarda das crianças, apenas tinham contato com elas nas visitas à Casa Lar.

Fazer parte do programa, especialmente com pessoas de extrema vulnerabilidade de toda ordem, e vivenciar a realidade de terapeuta ou coterapeuta proporcionou aos acadêmicos muito aprendizado, sendo uma tarefa significativamente gratificante. Poder contribuir, mesmo que minimamente, na vida dessas pessoas agregou conhecimentos para ambas as partes, seja para os estudantes em formação acadêmica, seja para a comunidade atendida. Os saberes foram multiplicados, pois os participantes estavam abertos às demandas que surgiram e que podem sempre surgir na relação de terapeuta/cliente.

Em conclusão, ressalta-se a importância da realização de mais trabalhos como este, tanto no que se refere à preparação do estagiário como futuro terapeuta, quanto ao benefício proporcionado à comunidade, por tratar-se de uma atividade de extensão universitária.

REFERÊNCIAS

_____. **Programa de qualidade na interação familiar: manual para facilitadores.** 2. ed. Curitiba: Juruá, 2014.

_____. **Programa de qualidade na interação familiar: manual para facilitadores.** 3. ed. Curitiba: Juruá, 2018.

_____; BRANDENBURG, O. J.; SALVADOR, A. P. V. Programa de qualidade de interação familiar - PQIF. **Psico**, Porto Alegre: PUCRS, v. 37, n. 2, p. 139-149, maio/ago. 2006.

ALBERTO, M. de F. P. *et al.* O papel do psicólogo e das entidades junto a crianças e adolescentes em situação de risco. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 558-573, set. 2008.

ALVARENGA, P. A.; WEBER, L. N. D.; BOLSONI-SILVA, A. T. Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 4-21, 2016.

BRASIL. Senado Federal. **Estatuto da Criança e Adolescente**. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF: Senado Federal, 1990.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Relatório do II Seminário Nacional de Psicologia e Políticas Públicas**. Políticas Públicas, Psicologia e Protagonismo Social. João Pessoa: Conselho Federal de Psicologia, 2003.

DELITTI, M.; DERDYK, P. **Terapia Analítico Comportamental em Grupo**. Em *Terapia Analítico Comportamental de Grupos*. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2008.

FARIAS, A. K. C. R. de; FONSECA, F. N.; NERY, L. B. **Teoria e formulação de casos em análise comportamental clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

GOMIDE, P. I. C. **Pais presentes, pais ausentes: regras e limites**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LINZ, Z. M. B. *et al.* O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. **Revista da SPAGESP**, São Paulo. v. 16, n. 1, p. 43-59, 2015.

MACARINI S. M. *et al.* Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 119-134, abr. 2010.

NAZAR, T. C. G. *et al.* Efeitos do Programa de Qualidade na Interação Familiar em pais e mães de crianças institucionalizadas: intervindo nas práticas parentais. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 209-223, dez. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 abr. 2022.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2006.

SERRANO, S. A. Quem são as crianças institucionalizadas e suas famílias? Refletindo sobre os indicadores de abrigo. *In*: ROSSETTI-FERREIRA; M. C.T. SERRANO, S. A. ALMEIDA, I. G. (orgs.). **O acolhimento institucional na perspectiva da criança**. São Paulo: Hucitec, 2011, p. 15-25.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Campinas: Editora Livro Pleno, 2001.

SILVA, H. I.; GASPAR, M. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. **Rev. bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 99, n. 251, p. 205-221, jan./abr. 2018.

SKINNER, B. F. Causes and reasons. *In*: _____. **About behaviorism** New York: Random House, 1976, p. 132-150.

Vila, E. M. . Efeitos de um programa parental em grupo para mães de crianças com problemas de comportamento: um estudo experimental. **Tese de Doutorado**. Doutorado em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2019.

WEBER, L. **Eduque com carinho**. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2005.

Recebido em: 19/09/2022

Aceito em: 21/10/2022